

*Conferência na Sede da Comissão das Nações Unidas para a América Latina e o Caribe (Cepal)*

SANTIAGO, CHILE, 3 DE MARÇO DE 1995

*Senhor Gert Rosenthal, Secretário-Executivo da Cepal; Dom Gabriel Valdés, Presidente do Senado, grande amigo meu e do Brasil, e líder do povo do Chile; Senhor Deputado Vicente Sota, a quem chamei ontem, todo o tempo, de Barros Moreira, para sublinhar que tem uma ascendência brasileira, e que é o Presidente da Câmara dos Deputados; Don Patricio Aylwin, que inspirou a tantos de nós com seu valor, com sua capacidade de levar adiante um difícil processo de reconciliação nacional; Senhor Enrique Contreras, Secretário-Executivo da Comissão Sul-Americana de Paz; Senhor Oscar Altimir, Secretário-Geral-Adjunto da Cepal; Senhor Arturo Nuñez de Prado; Senhor Reynaldo Bajraj, Diretor da Celade: Não posso deixar de mencionar, entre tantos amigos o Senhor Hernán Santa Cruz, a Senhora Tencha Allende, e ainda Aníbal Pinto, Osvaldo Sunkel, Enzo Falleto, que fazem parte de minha biografia intelectual e afetiva; Enfim, Senhoras e Senhores, e são tantos os amigos presentes que não poderei nomear todos;*

Quero, em primeiro lugar, agradecer o carinho que tenho recebido em todos os lugares em que estive no Chile. Mas, para mim, a Cepal é algo especial.

Sou uma pessoa de costumes talvez um pouco conservadores. Não tanto o pensamento, como crê Falleto. Sempre que posso, quando estou na França, vou a Chartres – uma catedral, um monumento, toda uma história. Contemplá-la é um prazer estético. Talvez mais que isso: uma peregrinação, quem sabe. Algo de místico que sempre fica em nós. Mas é também um gesto simbólico, de vinculação com a cultura.

Assim também, cada vez que venho ao Chile, visito esta outra catedral. E aqui me encontro, na Cepal, onde muitos pontificaram. Há dois, contudo, que sempre menciono e vou fazê-lo novamente. Um é Raul Prebisch, que dá nome a esta sala e que nos inspirou a todos.

Lembro-me muito bem de quando cheguei ao Chile. A Cepal não era tão bonita como é hoje. Estava ainda no edifício em Providência, na esquina com Infante. Havia um problema de espaço, como de hábito. Eu não tinha onde ficar de um modo razoavelmente aceitável e fui então me instalar e trabalhar na sala da secretária de Prebisch. Como Prebisch estava quase sempre nos Estados Unidos naquela época, no BID, eu me dava o luxo de ficar, na sua ausência, na sala de sua secretária. Mas usava o escritório dele para receber os amigos que chegavam do Brasil. E eles se espantavam: “como pode esse Senhor, que não é nada, ter salões tão grandes?”

Pois bem, estava naquelas salas também para me inspirar, porque Prebisch foi o mestre de todos nós, e ainda o é.

O outro é José Medina Echavarría, com quem trabalhei tão de perto. Foi quem teve a imensa paciência de ler os manuscritos meus e do Enzo Falleto, do livro sobre desenvolvimento e dependência na América Latina, ou dependência e desenvolvimento – já não lembro exatamente do título, tantos são os livros e é tanto o tempo. E Don José os lia, pacientemente, para corrigir um espanhol que, quando de minha autoria, era péssimo.

Tudo passava por Weinberg, que era revisor, e ainda assim Don José lia e melhorava o texto. Creio que nunca estive muito convencido das teses, mas as respeitava. Ele seguia uma inspiração weberiana: mais do que eu, que já adotava algo de Weber. E olhava tudo aquilo como quem se pergunta, “o que será essa coisa chamada América Latina?”. Na verda-

de, Don José foi, de certa forma, talvez pela história pessoal, um inspirador das análises que fazíamos. Don José era espanhol, mas havia vivido em Porto Rico e, depois, no México (e aproveitou para dizer que senti uma grande emoção ao ver Cristóbal Lara aqui, conosco). Ele foi meu chefe naquela época.

Don José, então, estava aqui no Chile. Sabia tudo. Tinha escrito livros importantes e continuou a escrever enquanto estávamos aqui e depois disso. Creio que sempre nos olhava – aos intelectuais, aos problemas –, aqui na Cepal, na América Latina, com a sensação de algo que era, ao mesmo tempo, muito próximo e muito diferente. Era quase Europa e não era Europa. Era quase Espanha e não era Espanha. Isso é um pouco a temática que desenvolvemos e que depois virou o Frankenstein da temática da dependência.

No fundo, o que queríamos sublinhar era isso: uma busca de identidade, que Don José tinha como europeu. Ele nos olhava e no fundo perguntava: “será que essa gente terá algum dia uma identidade, ou fará sempre uma imitação?”. A resposta não era fácil e não o é ainda hoje. Esse era nosso horizonte. Agônico. Existencial. Quase hamletiano. Alguns vivem, dramaticamente, na América Latina, como estrangeiros em relação a seu próprio modo de ser e a sua paisagem. Antes pensavam na Europa; hoje pensam nos Estados Unidos; amanhã no Japão, quem sabe. Mas há outros que vivem com mais realismo. Aceitam o que somos e o que não somos. São dialéticos, e eu também o sou.

Ninguém desenvolveu melhor esse assunto, esse tema, que a Cepal. Nunca, em nosso Continente, produziu-se um pensamento que fosse uma resposta mais bem construída, mais séria, a essa questão: Como seremos, afinal? Como formaremos uma Nação, um Estado? Como será a relação com o mundo?

A Cepal trabalhou nisso todo o tempo e ainda persegue uma resposta. O pouco que pudemos fazer no plano pessoal, enquanto estive aqui, foi acrescentar – como já assinalou Gert Rosenthal – alguma coisa da dimensão política à temática da Cepal. Quem sabe se algo na dimensão social, um ou outro ponto de relevo. As grandes linhas já estavam, porém, dadas pela teoria centro-periferia. Aí estava tudo. O resto seri-

am nuances, algo menos mecânico. Talvez a periferia tenha também vida própria. Talvez os liames que a sujeitam, sejam também liames que permitam algum crescimento e – quem sabe, amanhã – uma identidade tão forte que nos permita superar a situação de impasse, tantas vezes apresentada como uma situação sem-saída, mas para a qual, de repente, descobrimos caminhos e saídas, e continuamos a percorrer esse caminho.

Hoje estou às voltas com outras questões – tudo o que diga respeito ao Brasil. Em primeiro lugar, a questão política: a grande façanha, creio que não apenas do Brasil, mas de muitos de nossos países e de nossos povos, de manter um processo de crescimento, de levar adiante a democracia em situações de tanta desigualdade, de tanta pobreza concentrada. Manter a democracia, atendendo as demandas crescentes que a própria democracia faz vir à tona, é o grande desafio. E creio que seja uma façanha que tem um tempo para ser cumprida.

Esta manhã, antes de vir para cá – e foi por isso que nos atrasamos – fomos à Florida, um bairro de Santiago, um distrito de Santiago. Nas Lomas de la Florida, a comunidade, na frente do Presidente do Chile e do Brasil, apresentava suas demandas. Queriam mais, e estávamos ali para celebrar algumas conquistas sociais. Queriam mais – e têm razão de querer mais – e isso é algo quase sem fim.

Se esse quadro é difícil no Chile, no Brasil é ainda muito mais complexo, porque são muitos milhões os que precisam de assistência. E, às vezes, somos obrigados, para dar seqüência as nossas ações, a dizer “não” a pedidos que são mais do que justos. Porque se digo “sim” agora, sem poder fazê-lo, amanhã serei obrigado a dizer “não”. E será um “não” absoluto, porque não haverá mais nada. Então, é melhor dizer “não” agora, para, quem sabe, amanhã poder dizer “sim”, de forma seqüente. É muito difícil manter a fé na democracia nessas circunstâncias.

Nós estamos avançando na América Latina, Talvez seja essa a herança que poderemos legar a outros países do mundo, quem sabe até à Ásia, tão flamante em seu desenvolvimento. Aqui, sim, alcançamos a democracia. Não somente no sentido institucional, que é importante, mas no sentido social. Temos liberdade. Não temos ainda democracia no que diz respeito a canais institucionais e mecanismos para respon-

der, de forma positiva, às demandas. Mas a liberdade existe. Foi duro consegui-la. Temos a liberdade e estamos começando a ter instituições que permitem a participação, que asseguram a democracia. Este é um ponto importante – creio – e continuará a ser.

Pelas circunstâncias da vida, coube-me enfrentar uma conjuntura no Brasil em que havia uma preocupação adicional: uma inflação que nos deixava esmagados. Quando cheguei ao Ministério da Fazenda, a inflação beirava os 20%. Quando saí, deixei-a em quase 35% e, ainda assim, o povo me aplaudia nas ruas. Como era possível? Alguma coisa tinha de estar ocorrendo. Por que isso? Porque eu lhes disse a verdade. Fui à televisão muitas vezes. Porque quando se analisa a situação, e explica à cidadania a razão desta ou daquela medida, trabalha-se com o valor que atribuímos à democracia. Não se conseguirá superar a dificuldade econômica com projetos de um tecnocrata, uma equação qualquer que se coloque num pedaço de papel e depois se imponha às pessoas. É preciso explicá-lhes. Mesmo quando a inflação subia, eu explicava e pedia que confiassem, que a inflação iria baixar, e dizia como isso ia ocorrer.

Pois bem, coube-me levar adiante um programa de estabilização. Por sorte não sou economista, porque é muito difícil fazer um programa de estabilização e, como os economistas sabem muito, às vezes isso lhes tira a audácia para fazer o que parece impossível – e, em certos momentos, é essencial fazer o que é quase impossível para se conseguir vencer as dificuldades. Isso não é tarefa para uma pessoa. A verdade é que o povo entendeu – e não digo isso por demagogia. O povo entendeu que a inflação prejudicava seus interesses, e o mais peculiar da situação brasileira é que a inflação não prejudicava tanto os interesses das empresas, porque estava tudo indexado.

Ora, uma inflação previsível, para quem pode manejá-la, é igual a uma não-inflação, mas não é igual a uma não-inflação para quem recebe o seu salário e, ao final do mês, não têm dinheiro nenhum, porque o dinheiro sumiu, desapareceu no torvelinho de uma inflação que sobe, sobe e sobe e não pára nunca.

É nesses momentos que se tem de confiar na democracia. Ou seja: que se pode explicar, que as pessoas vão entender o que for bem expli-

cado. Deve-se confiar na possibilidade de superar a dificuldade, e deve-se acreditar que a estabilização passa a ter sentido, quando o povo percebe que é positivo frear a inflação, para seu próprio bem-estar. Segundo os últimos cálculos do Ministério da Fazenda no Brasil, com a estabilização, algo entre 12 e 25 bilhões de dólares passaram para as mãos do povo, dos consumidores. Mais para os de mais baixa renda, porque os demais já tinham tudo indexado, já estavam defendidos. Passaram às mãos dos que não tinham como se defender.

A oposição a uma política de estabilização desaparece se o processo não é feito apenas com os olhos postos em certas teorias abstratas que não têm muito a ver com a realidade quotidiana das pessoas. É preciso ter coragem para não se entregar à teoria e não tentar impor uma visão que, por mais bonita que seja do ponto de vista intelectual, não tenha muito a ver com o senso comum. Isso exige coragem da equipe econômica, de quem toma as decisões, e capacidade de dizer o que se vai fazer, e de cumprir a promessa.

Acredito que isto coincide com o que disse Gert Rosenthal há pouco: a vida política e a vida intelectual, levadas a sério, têm pontos de convergência. Ninguém pode tomar decisões sérias em política, se não tiver a capacidade intelectual de entender o por quê; e se não tiver a convicção de que está agindo corretamente. Pode até estar errado, mas dentro de sua alma tem que acreditar no que está fazendo e jogar-se por inteiro nisso. Quando alguém se joga por inteiro em algo, já não está mais na Academia: está no domínio da vida.

Somos muitos, na América Latina, os que estamos nos jogando por inteiro, de corpo e alma. Aqui no Chile e em muitos outros países. Temos agora um momento, outra vez complexo, bem delicado, que não se limita à América Latina. É geral. Ontem, em Valparaíso, onde me senti mais que honrado, comovido, pela forma como fui recebido por senadores e deputados, disse que as instituições de Bretton Woods já não são suficientes para fazer frente aos desafios contemporâneos. Essas instituições datam de antes do computador. Tudo mudou. É possível, hoje, uma forma de especulação maciça, pois há muito mais dinheiro que não obedece a nenhum comando, seja de um país ou de um banco

central, do que o dinheiro sob controle. Temos então que enfrentar essa questão. É uma questão política e – acredito – um desafio para a Cepal.

Não tenho mais disponibilidade de tempo intelectual para dedicar-me a esse tipo de desafio, mas é uma oportunidade para uma instituição como a Cepal apontar, outra vez, que rumo tomar, de não nos deixar perdidos, fazendo cópias de modelos daqui e dali. E se alguém quer dizê-lo, pois bem, que diga que aqui há um problema, que é um problema político, que exige decisão e que não se trata de decisão dos países em desenvolvimento, mas dos mais ricos. Eles têm de dizer o que querem fazer com o mundo que criaram – são outros *Frankensteins* – e que não sabem como controlar. Nem nós, nem os mexicanos talvez saibamos como controlá-lo. Por isso, é preciso frear certos processos que começam a corroer o sistema econômico internacional.

Acredito que chegou a hora de instituições como as Nações Unidas tomarem a sério essa questão. E agora que se comemorarão os cinquenta anos das Nações Unidas, que não se discuta apenas quem vai pertencer ao Conselho de Segurança para atuar como polícia do mundo – tarefa que, aliás, é necessária – mas que se discutam, também, as reformas das instituições correlatas para assegurar a continuidade do sistema de intercâmbio comercial, do sistema de financiamento, da disponibilidade de liquidez, nos sistemas financeiros internacionais.

Como se fará isso? Se me permitem um testemunho: como Ministro da Fazenda tentei obter do Fundo Monetário Internacional um crédito “stand-by” de uns “miseráveis” dois bilhões de dólares. Não consegui e, por sorte, por sorte mesmo, não tivemos necessidade da aprovação do Fundo Monetário para fazer o que tínhamos de fazer. E não o consegui porque alguns técnicos de segundo escalão acreditavam que não havia condições políticas no Brasil. E eu lhes disse: “Mas o que vocês entendem disso? Pelo amor de Deus, um pouco mesmo de arrogância”. Porque viam, como ainda vêem, as economias em desenvolvimento através de lentes. Falta-lhes um pouco mais da dimensão política, da dimensão da democracia, que já mencionei aqui, da dimensão do valor, da fé que, em determinado momento, a sociedade tem. Da auto-estima, da capacidade de recuperar-se. Tudo isso conta. Não para eles, porém. Para

eles, o que vale são umas continhas, nem sempre muito exatas. Consideram apenas o déficit operacional, o déficit disso e daquilo. Ora, com que base, com que tipo de informação são feitas essas contas? E quantas hipóteses existem por trás delas? Por Deus, quantos erros!

Chegou o momento de dizer, em alto e bom som, que, de fato, precisamos ter instituições internacionais com capacidade de dizer “não”. Mas de dizer “não” com base em critérios um pouco mais amplos de juízo. Que não sejam apenas hipóteses e teorias, que muitas vezes são meros preconceitos. Não são nem hipóteses nem teorias.

Creio que este é um grande momento para o pensamento desta Casa. O desafio está lançado. O mundo concentrou também o saber. Não concentrou apenas riquezas. Também o saber está concentrado, e está concentrado internacionalmente. Os que sabem, sabem muito, mas talvez estejam muito fechados nas suas trincheiras sem se darem conta de que há coisas novas.

Então, é preciso procurar o novo nas instituições. Que as catedrais continuem a ser catedrais. Que se vá a Chartres. Chartres continua a ser uma grande catedral. Às vezes não há missa, mas sempre há um padre. Aqui, é igual. Aqui há muitos padres. Há até mesmo cardeais. Talvez não tenhamos um papa, mas há quem conheça o estado atual das coisas. Pois este é um grande momento.

Se me permitem dizê-lo, não sei, então, qual é a resposta. Nem poderia eu, pobre Presidente de um país com tantas dificuldades, ter a pretensão de dar-lhes a resposta. Tenho, isto sim, as dúvidas. As preocupações. As angústias também. E venho a esta Casa, que tem tanta força, para pedir que se renove, uma vez mais, e que ajude o mundo a entender que estamos em uma nova era. Uma era que tem muitas possibilidades, e na qual, se não adequarmos as instituições a essas possibilidades, elas se atrasarão, embora não deixem de existir. E não há razão para isso. Não há razão porque sequer existe mais o fantasma da guerra, da grande guerra. Já não existe mais sequer a polarização ideológica. Então, por que não? Por que não dar o passo, não abrir o jogo, de forma mais clara, e ver que, realmente, o mundo tem de se reconstruir? Nossos povos merecem mais do que isso. Merecem que sejamos capazes de

exercer a liderança que permita, de fato, avançar nos processos da democracia e do crescimento, de maior igualdade e de mais justiça social.

Venho, então, a esta Casa para pedir-lhes, em nome de todos os brasileiros – se é que posso, um pouco demagógicamente, dizê-lo, mas afinal tive muitos votos –, que nos ajudem, e estou certo de que podem fazê-lo. Que pensem, com liberdade, e não se calem. Façam como Prebisch em sua época. Falem alto. Se necessário, gritem. Estarei no salão presidencial para aplaudi-los. E terei muito prazer em aplaudi-los.

Muito obrigado.

